

## OS DIVERSOS OLHARES E JOGOS DE LINGUAGEM ACERCA DA TRADUÇÃO CULTURAL: UMA VISÃO CRÍTICA SOBRE OS (PRÉ)CONCEITOS EQUIVOCADOS SOBRE OS INDÍGENAS

MÁRIO SÉRGIO SILVA DE CARVALHO (PPGLI/UFAC)<sup>1</sup>

**RESUMO:** A presente narrativa é um relato das experiências advindas da ministração da disciplina LEM380-Tradução Cultural e Estudos Pós-Coloniais, do Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGLI no curso de Doutorado em Linguagens e Identidades da Universidade Federal do Acre. Portanto, a perspectiva é verificar como os alunos subjetivaram suas formações pessoais sobre os temas abordados. O objetivo central é descrever, através de jogos de cenas ficcionais, os outros modos de ver e (res)significar os principais conceitos que emergiram em sala de aula, relativos à Tradução Cultural e como tais conceitos possibilitará entendimentos diversos e plurais na construção das subjetividades e (res)significar os saberes dos alunos. Os sujeitos desse relato foram nove alunos da disciplina, onde tínhamos Mestrandos, Doutorandos, ouvinte e alunos especiais do programa. A metodologia utilizada, foi a terapia desconstrucionista como atitude metódica de pesquisa, buscando inspiração na Filosofia da Linguagem, de Wittgenstein (1999) e na Desconstrução de Derrida (2002), com a utilização de enxertias teóricas no "corpus" da narrativa e na proposição dos jogos de cenas ficcionais. Como aporte teórico, as discussões tiveram base em Freire (2000), Nenevé (2005) e Mittman (2003), entre outros, por sustentarem a importância na tradução cultural, pois traduzir é interpretar, colocar seus entendimentos, como jogos de linguagem que adquirem sentido nos diversos usos sociais e nos diferentes modos ou formas de vidas. Pretende-se com a narrativa, contribuir com a desmistificação dos conceitos que serão abordados no presente relato, esparramando-os para as diferentes áreas do conhecimento e (res)significando-os nos seus múltiplos usos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução Cultural. Culturas Indígenas. Jogos de Linguagem. Linguagens e Identidades.

## THE DIFFERENT LOOKS AND LANGUAGE GAMES ABOUT CULTURAL TRANSLATION: A CRITICAL VIEW ON THE MISCONCEPTS ABOUT INDIGENOUS

**ABSTRACT:** *The present narrative is an account of the experiences arising from teaching the discipline LEM380-Cultural Translation and Post-Colonial Studies, from the Graduate Program in Letters-PPGLI in the Doctorate course in Languages and Identities at the Federal University of Acre. Therefore, the perspective is to verify how the students subjectivized their personal training on the topics covered. The central objective is to describe, through games of fictional scenes, the other ways of seeing and (re)signifying the main concepts that emerged in the classroom, related to Cultural Translation and how such concepts will enable diverse and plural understandings in the construction of subjectivities and (re)signifying the students' knowledge. The subjects of this report were nine students of the discipline, where we had Masters, Doctors, listener and special students of the program. The methodology used was deconstructionist therapy as a methodical research attitude, seeking inspiration in the Philosophy of Language, by Wittgenstein (1999) and in Derrida's Deconstruction (2002), with the use of theoretical grafts in the "corpus" of the narrative and in the proposition of fictional scene games. As a theoretical contribution, the discussions were based on Freire (2000), Nenevé (2005) and Mittman (2003), among others, for*

<sup>1</sup> Doutorando em Letras: Linguagens e Identidades-PPGLI-UFAC (turma 2022). Mestre em Ensino de Ciências e Matemática-MPECIM/UFAC (2019), Membro do Projeto de Pesquisa: Territórios, Fronteiras e Construção de Discursos Identitários nas Amazônias. e-mail.: mario.carvalho@ufac.br

*sustaining the importance of cultural translation, since translating is interpreting, placing your understandings, like language games that acquire meaning in the different social uses and in the different ways or forms of life. The narrative intends to contribute to the demystification of the concepts that will be addressed in this report, spreading them to different areas of knowledge and (re)signifying them in their multiple uses.*

**KEYWORDS:** Cultural Translation. Indigenous Cultures. Language Games. Languages and Identities

## INTRODUÇÃO

A presente narrativa, é um relato das experiências sobre a ministração da disciplina LEM380- Tradução Cultural e Estudos Pós-Coloniais, do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLI, curso de Doutorado em Linguagens e Identidades da Universidade Federal do Acre e como tal ministração impactou a formação das subjetividades dos alunos participantes, sobre o tema debatido. Nesse relato será abordado apenas os conceitos e discussões relacionados à Tradução Cultural e os sujeitos envolvidos foram nove alunos matriculados na disciplina, onde os estudos foram dirigidos para os aprofundamentos no tocante aos conceitos da tradução cultural<sup>2</sup>.

As discussões ocorridas tiverem como centro, os seguintes temas: os estudos de tradução cultural. A crítica literária e estudos subalternos e pós-coloniais. A colonialidade da tradução. A tradução e decolonialidade. As práticas de leitura e tradução. A tradução cultural: uma impossibilidade ou uma transcrição do outro (e de si). A tradução poética e como objetivo geral, compreender as implicações políticas da tradução à luz dos estudos subalternos, pós-coloniais e decoloniais.

O objetivo do presente relato é descrever através de jogos de cenas ficcionais, outros modos de ver e (res)significar os principais conceitos e reflexões que emergiram dessas discussões em sala de aula, no tocante aos (pré)conceitos e críticas sobre as cinco ideias equivocadas sobre o índio, os vários olhares sobre o tema, relacionando-os com os estudos da Tradução Cultural.

## METODOLOGIA UTILIZADA

Serão utilizadas enquanto metodologia, noções básicas da Terapia Desconstrucionista, que estão ancoradas nas concepções de Ludwig Wittgenstein<sup>3</sup> com a utilização da Filosofia da Linguagem e de Jacques Derrida<sup>4</sup> com o uso do conceito de Desconstrução.

Assim, é prudente deixar explícito que, na atitude metódica de caráter-terapêutico desconstrucionista, será feito apenas a descrição de como os estudantes participantes das discussões, tem outras formas de ver e/ou (res)significaram os diversos saberes no tocante as suas práticas culturais e como cada uma dessas práticas, vivências, refletem sobre os vários temas que

<sup>2</sup> Além de ser abordado trechos da bibliografia constante no plano de curso, as discussões tiveram como eixo central o texto de José Ribamar Bessa Freire, com o título: Cinco ideias equivocadas sobre o índio e os livros: *Fronteiras da Tradução: cultura, identidade e Linguagem*, do professor Miguel Nenevé – UNIR, bem como a utilização de passagens do livro: *O noroeste amazônico: notas de alguns meses que passei entre tribos canibais*, de Thomas Wriffen, com tradução do Prof. Hélio Rocha - UNIR.

<sup>3</sup> Ludwig Joseph Johann Wittgenstein, foi um filósofo austríaco, naturalizado britânico e um dos principais autores da virada linguística na filosofia do século XX. Suas principais contribuições foram feitas nos campos da lógica, filosofia da linguagem, filosofia da matemática e filosofia da mente. Muitos o consideram o filósofo mais importante do século passado. Seu mais popular livro de filosofia publicado, o *Tractatus Logico-Philosophicus*, de 1922, exerceu profunda influência no desenvolvimento do positivismo lógico. Também impulsionaram um outro movimento filosófico - a chamada "filosofia da linguagem comum". (WITTGENSTEIN, 1999, IF, p. 5-6).

<sup>4</sup> Jacques Derrida, foi um filósofo franco-magrebino, que iniciou durante os anos 1960 a *Desconstrução* em filosofia. Foi um dos pensadores mais influentes e controversos da segunda metade do século XX, sua obra assinala um corte decisivo nos saberes científicos, artísticos e filosóficos, com implicações não menos significativas no campo dos estudos literários. Publicou, entre outros, *Torres de babel e a escritura e a diferença* (DERRIDA, 2002, p.42).

serão abordados e colocados em discussões em sala de aula, trazendo assim, o seu modo de ver, sua visão particular sobre os diversos temas relacionados à Tradução Cultural.

A Terapia Desconstrucionista é puramente descritiva e é desenvolvida através de jogos de cenas, com o uso de diálogos ficcionais, não ficando o pesquisador preso, numa caixa, sem liberdade para esparramar os conceitos que aparecem nas cenas, pois todos os conceitos que submergem, são trazidos para que os participantes possam dar sua opinião sobre o que está sendo debatido, trazendo portanto, a diversidade de pensamentos e a pluralidade de conhecimentos à exterioridade.

Centra-se, enquanto metodologia de pesquisa, no conceito de que o significado do objeto está no uso que se faz dele em momentos de atividades. Ou seja, as várias formas de vida (visões) que cada indivíduo irá expor sobre os conceitos e as discussões propostas em sala de aula, os vários modos de pensar, irão trazer à tona as semelhanças de família e como tais conceitos podem trazer pontos de vista diferentes, dependendo das subjetividades de cada pessoa envolvida.

Dessa forma será procurado envolver os conceitos sobre Tradução Cultural e como eles são percebidos por outros olhares, outras subjetividades, onde é nas discussões que serão descobertos o(s) verdadeiro(s) significado(s) do(s) conceito(s) abordados.

Almeja-se horizontalizar os termos, abrindo os horizontes de sentidos, fugindo das centralizações e essencializações e nessa busca incessante, esparramar os conceitos para os diversos campos do conhecimento, através das enxertias teóricas, buscando conhecimentos rizomáticos, ao invés de conhecimentos verticalizados.

Será mostrado a desconstrução da ideia de que os conceitos sobre a Tradução Cultural são únicos, universais, pois estão diretamente relacionados com cada cultura, cada povo, cada pessoa e “seu lugar” de fala, pois somente assim, os termos abordados sobre a Tradução Cultural, assumem significados diferentes e não essencializados, únicos.

De tal modo que, nas falas de cada participante, será buscado os rastros dos rastros dos rastros, ou seja, a narrativa descrita sempre será modificada ou interpretada, dependendo da forma de como será contada, descrita, diretamente ligada ao ponto de vista, e as vivências de quem está descrevendo o fato.

Assim, esclarecer o uso da linguagem é ampliar a compreensão do fenômeno em estudo. Wittgenstein (1999), não estava preocupado em definir “o que é” uma determinada palavra ou conceito, mas “como” se dá seu uso nos diversos jogos de linguagem/práticas culturais.

Praticar a terapia filosófica wittgensteiniana implica em não buscar uma essência, um único sentido, um único sentido para os conceitos da Tradução Cultural

Conforme Geertz (2008, p.11), no tocante aos sentidos do termo *fictio*, diz que, nos textos antropológicos, as interpretações dos fatos são sempre de segunda ou terceira mão, aí traz para o centro, o sentido de “*fictio*”, que não está dentro do sentido literal da palavra, mas utiliza-se de *fictio* para dar sentido a tudo que não é dito em primeira mão, apenas tratando-se de ficções de “algo construído”, “algo modelado”, não necessariamente informações falsas, mas sim experimentos dos vários pensamentos e completa o raciocínio dizendo que, são as diversas vivências, as diversas subjetividades, diretamente relacionadas com as nossas práticas sociais e culturais, que irão determinar o verdadeiro sentido dessas palavras e conceitos.

A terapia desconstrucionista traz em foco a descrição de como os fatos acontecem numa narrativa, diferenciando-as das metodologias tradicionais, pois é feita através de cenas ficcionais ou jogos de cenas, onde as narrativas estão no próprio “*corpus da pesquisa*” e faz-se o uso das enxertias teóricas que foram significativas e (res)significadas e que são colocadas à baila para serem discutidas.

Portanto, não é apenas a transcrição de falas ou uma tradução literal do que foi dito, ocorrem um “*increment*” nos conceitos sobre o que foi dito, pois procura-se observar o que “não foi dito”, que está no interdiscurso e que contribuem para as formações discursivas e para a construção das subjetividades dos envolvidos na cena e conseqüentemente, em quem irá lê o texto.

A seguir será iniciado a tessitura do diálogo ficcional, com a intenção de descrever e compreender os vários conceitos envolvendo a Tradução Cultural submersos nas discussões realizadas em sala de aula, conforme segue:

## OS MODOS DE VER E (RES)SIGNIFICAR A TRADUÇÃO CULTURAL – OUTROS OLHARES

O jogo de cena ficcional apresentado a seguir, ocorreu no período de onze a treze de novembro de dois mil e dezenove, em período integral, numa semana de chuvas intensas e intermináveis em Rio Branco-Ac e os sujeitos participantes da cena, serão nomeados apenas pelos seus sobrenomes, para assim preservar suas identidades, conforme segue: Carvalho, Zaboetzi, Barroso, Lima, Alves, Oliveira, Santos, Souza e Pinto. O professor da disciplina, será chamado apenas por professor.

No decorrer desse cenário serão (res)significados pelos alunos, no contexto das discussões sobre Tradução Cultural e em função das experiências pessoais de cada um, os vários conceitos que mesmo apresentados de formas diferentes, terão as devidas semelhanças de famílias, nas diversas formas de jogos de linguagens e em formas de vida que trazem similaridades.

Neste sentido, o jogo de cena teve sua efetividade com base nos rastros de significações da ministração da disciplina mencionada acima, quando em conjunto, professor e alunos, resolvem fazer um exercício terapêutico frente ao diálogo ficcional sobre Tradução Cultural

Professor – pessoal, bom dia, gostaria de ressaltar a importância do conhecimento sobre os locais, crenças, saberes etc. Algumas academias enxergam a Tradução Cultural, não como estudos literários e sim colocados dentro do escopo dos estudos linguísticos. Na sequência, proponho uma atividade em grupo, para discutirmos o texto: cinco ideias equivocadas sobre os Índios, de José Ribamar Bessa Freire, conforme segue:

### PRIMEIRO EQUÍVOCO: O ÍNDIO GENÉRICO

Souza (com um sorriso maroto, inicia) – Professor, o referido tópico traz como essência o tratamento dispensado aos índios, pois são tratados apenas como índios, sem levar em considerações suas tradições, etnias, povos, cultura, compartilhando as mesmas crenças, a mesma língua, colocam tudo no “mesmo saco” e são tratados como um povo único, visando sempre o apagamento dessa cultura. Ao utilizarmos o termo “índio” fazemos inconscientemente, o “apagamento” do indivíduo da etnia Tukano, Desana, Munduruku, Ashaninka, Huni Kui, Katukina, Arara, Shanenawa, Waimiri-Atroari etc., para serem transformados simplesmente em “índio” na forma mais genérica possível.

### O SEGUNDO EQUÍVOCO: CULTURAS ATRASADAS

Alves (no fundo da sala, levanta-se e ler) – nesse tópico do texto, disse que as culturas indígenas são consideradas atrasadas e primitivas. Esquecem<sup>5</sup>, que os povos indígenas produziram saberes, ciências, arte refinada, pinturas em tecidos, artesanatos, literatura, poesia, música, religião. Suas culturas não são atrasadas como durante muito tempo pensaram os colonizadores ocidentais e como ainda pensa muita gente “branca” ignorante.

Souza - Professor, o que você acha do termo ameríndios?

Professor - Acho bonito. O termo índio é um falseamento de linguagem, podemos utilizar os termos indígena ou mesmo indiano, índio é um termo pejorativo e hoje eles têm se colocado índios e não indígenas; por exemplo eu me coloco como caboclo, devida a minha origem geográfica, a minha criação e a minha aparência, mas me acho Amazônida. E em algumas localidades de Porto Velho, existem alguns conflitos por serem chamados de índios e não aceitam serem chamados assim e

<sup>5</sup> No tocante à “Esquecem”, faz-se referência aos ditos “civilizados, considerados superiores e eurocêtricos”, como se os índios ainda fossem “não-humanos e inferiores”

partem para a briga, pois apesar dos traços de KARITIANA, são considerados SILVA, pois já moram na cidade e estão inseridos na cidade, não moram mais nas aldeias e nem andam de tangas, etc. Apesar dos índios, não gostarem de ser reconhecidos como tal. O livro de Thomas Wriffen, que será o eixo utilizado na disciplina é um completo estudo antropológico<sup>6</sup>, ele fala assim: “alguns viajantes afirmam que os índios parecem que não tem nenhuma religião”. Mas, qual o parâmetro de religião? A cristã? a religião dele, de quem fala é claro.

Zaboetzki (levanta a mão) - Nossa reza é para lembrarmos de Deus, se o índio deixar a religião, vai começar a beber, brigar com parente e aí desaparece a nação. Através da religião, os índios conseguem colocar suas práticas sociais também. O objetivo parece ser um instrumento de ordem e controle social e de seus atos, polindo determinadas condutas na comunidade;

Professor (rindo, diz) - Que os missionários, não ensinem aos índios na Bolívia, o princípio da limpeza, não ensinaram o mandamento que Deus ama a limpeza, Edward Mathews, engenheiro que trabalhou na EFMM, afirma em seu relato.

Alves - Frisou a denominação de superioridade dos brancos, por sermos portadores da escrita e os índios, inferiores, por terem somente a oralidade, ressalta ainda que eles desenvolvem seus saberes e não precisam da escrita para isso.

Professor (corta Alves) – Alves, segundo Thomas Wriffen<sup>7</sup>, na conclusão do capítulo 20, os índios têm “baixo estado de civilização” e no conjunto os índios são inteligentes, mas individualmente são considerados tolos, isso em função do ambiente social ao qual estão inseridos. Continua e faz um comentário a respeito de alguns professores que vêm do Centro-Oeste/Sul/Sudeste do País, para participarem de Bancas em Rondônia ou até mesmo aqui no Acre, já chegam com um “discurso racista e classista”, pois não conseguem entender as regionalidades locais e esses comentários: “ah, porque você é da terra”, são inevitáveis, como se fôssemos minhocas (da terra); “Você que é daqui” (já se colocando como, ele sendo de fora) e ao serem questionados, dizem, “você é uma exceção”. Ou seja, alguns desprezam os saberes e as culturas locais, com ideias e um discurso racista, de superioridade por virem de outras regiões do Brasil, consideradas mais desenvolvidas. Continue o próximo aluno por favor, diz o professor

### O TERCEIRO EQUÍVOCO: CULTURAS CONGELADAS

Pinto (Com um olhar pensativo, inicia) – No meu entender, em síntese, enfiaram na cabeça da maioria dos brasileiros uma imagem de como o índio deve ser e se comportar: andando nu ou de tanga, no meio da floresta, o estereótipo de sempre está segurando um arco e uma flecha na mão, tal como foi descrito por Pero Vaz de Caminha. E essa a imagem que foi congelada. Qualquer mudança nela provoca estranhamento. Quando o índio não se enquadra nessa imagem, vem logo a reação: “Ah! não é mais índio”. Na cabeça dessas pessoas, o “índio autêntico” é o índio do papel da carta de Pero Vaz de Caminha, não aquele índio de carne e osso que convive conosco, que está hoje no meio de nós, nas escolas, nas universidades, nas instituições governamentais, em cargos públicos. Pensar no olhar do outro, o quanto isso está presente na perspectiva da imagem do índio que tem que corresponder o que o sujeito pensa e idealiza, qualquer coisa fora disso, existe um estranhamento e não é mais índio. É impressionante como isso respinga nos ditos povos originários, ameríndios, como

<sup>6</sup> Alguns viajantes e escritores afirmaram que o indígena não tem religião. Vulgarmente, no sentido aceito da palavra, parece que o indígena não tem nenhuma religião. Existe uma grande variação entre os grupos linguísticos até mesmo entre as tribos – atrevo-me a dizer – entre os indivíduos. Assim como acreditam em muitas coisas, eles acreditam na existência de espíritos superiores do bem e espíritos superiores do mal; mas as suas crenças são sempre imprecisas., um tanto quanto incompreendidas até mesmo por eles. (WHIFFEN, 2019, p. 321)

<sup>7</sup> É um fato extraordinário, mais inegável, que o indígena é individualmente sábio, mais racionalmente tolo, individualmente inteligente e racialmente inepto. Isso pode inteiramente devido ao controle geográfico, às características peculiares do ambiente social. (WHIFFEN, 2019, p. 363)

modus operandus, quanto as comunidades menos favorecidas, minorizadas, como as prostitutas, moradores de ruas e agora, inclui-se o índio nesse bojo também. Isso traz à tona, o conceito de interculturalidade<sup>8</sup>. O índio não pode assumir o lugar do “eu, nós”, para ele não ser eu, colocamos ele num lugar avesso ao que “eu” sou. E quando isso acontece, ocorre um estranhamento. Trazendo para o seu dia a dia, no tocante a saúde mental, quando um índio está doente, como esquizofrenia, bipolaridade ou mesmo dependência de álcool (alcoolismo) deixa de ser índio e sim um doente, não mais um índio.

#### O QUARTO EQUÍVOCO: OS ÍNDIOS PERTENCEM AO PASSADO

Oliveira (pensativo, começa) - O quarto equívoco consiste em achar que os índios fazem parte apenas do passado do Brasil. Num texto de 1997 sobre a biodiversidade num ponto de vista de um índio, Jorge Terena escreveu que uma das consequências mais graves do colonialismo foi justamente taxar de “primitivas” as culturas indígenas, considerando-as como obstáculo à modernidade e ao progresso.

Lima (corta Oliveira) – Oliveira, pede um aparte e diz que dentro da lógica ocidental, sempre se tem um fetichismo com o conceito de futuro e para nós o passado é uma coisa sem sentido. O primitivismo e o passado pensados como características essenciais indígenas. Quando se tem a ideia de que o índio esteja no passado, chegando-se à noção de Museus, onde são expostas todas suas culturas e práticas culturais e como se estivessem mortos. Alguns povos ameríndios, têm como perspectiva cultural que “o passado está sempre a nossa frente”.

Professor (sorrindo, corta) – Entendo vocês, pois a ideia/noção que temos de um Museu, são sempre de coisas mortas, certo? Coisas que não existem mais. Congeladas no tempo.

Lima - Exatamente professor, o que é uma noção extremamente equivocada com a relação ao índio. Dentro dessa ótica ameríndia que é tão marginalizada, alguns saberes só podem ser manipulados pelas mulheres, mas em determinadas culturas isso muda. Entendo ser uma perversidade, pensar nesses conceitos tão naturalizados, o que é ocidental, o que é moderno, o que é passado?

Oliveira (Com semblante fechado) - diz que essa tentativa de apagamento do índio como se ele estivesse no passado é uma tentativa de apagar sua arte, sua cultura e suas raízes também e que é difícil não cometermos esses mesmos erros, que são cometidos pelo pensamento ocidentalizado. Precisamos combater a abordagem das culturas distintas, índios, nordestina, caboclo, ribeirinhos, etc.

#### O QUINTO EQUÍVOCO: O BRASILEIRO NÃO É ÍNDIO

Carvalho - O brasileiro não considera a existência do índio na formação de sua identidade. Há 500 anos, não existia no planeta terra um povo com o nome de povo brasileiro. Esse povo é novo, foi formado nos últimos cinco séculos com a contribuição, entre outras, de três grandes matrizes: 1. As matrizes europeias, assim no plural, representadas basicamente pelos portugueses, mas também pelos espanhóis, italianos, alemães, poloneses, etc.; 2. As matrizes africanas, também no plural, da qual participaram diferentes povos como os sudaneses, yorubás, nagôs, gegês, ewes, haussá, bantos e tantos outros; 3. As matrizes indígenas, formadas por povos de variadas famílias linguísticas como o tupi, o karib, o aruak, o jê, o tukano e muitos outros.

Professor (sorrindo) – Indaga e diz: pensando no quantitativo, Carvalho, qual das três matrizes era a maior, há época?

---

<sup>8</sup> “[...] a interculturalidade sinaliza e significa processos de construção de um conhecimento outro, de uma prática política outra, de um poder social (e estatal) outro e de uma sociedade outra; uma forma outra de pensamento relacionada com encontra a modernidade/colonialidade, e um paradigma outro que é pensado através da práxis política”.(WALSH, 2007, p. 47).



Carvalho (Com um sorriso de canto de boca) – os índios, ou melhor, os naturais, os nativos eram a grande quantidade, não sei precisar no momento esse quantitativo, mas os nativos eram sua infinita maioria.

Professor - Em primeiro lugar, os nativos, em segundo lugar, os negros (trazidos nos porões dos grandes navios), os conhecidos transatlânticos negreiros e em terceiro lugar os europeus. Para que se tenha uma imagem dessas três matrizes.

Santos (Rindo) – Assim, Freire (2000), faz um resgate dos 500 anos desse brasileiro, um signo que foi construído, com a inclusão do signo africano e suas riquezas culturais da raça dominante (portugueses, ingleses, etc., os “eurocentrados”) e o signo indígena, como nativos e suas culturas. São esses discursos dominantes que nos atravessam e perpassam a formação da matriz brasileira. Que os brasileiros (índios) que não são domesticados, devam ser eliminados, mortos. A indianidade e a negritude não são uma questão genética (cor do cabelo, formato do nariz ou mesmo, cor da pele), é uma questão cultural. A formação identitária do sujeito a partir dos fenótipos exteriores.

Alves - Complementa dizendo que não existe uma língua rica e uma língua pobre, ou uma língua superior ou inferior, nesse processo colonizador, na busca do apagamento do “outro”, para o fortalecimento do “eu”, leia-se: o índio, sempre são caracterizados como quem não possuem, somente os indivíduos ocidentais, eurocentrados, possuem! são pertencentes a uma cultura errada, selvagem, demoníaca.

Professor – finaliza a discussão do texto em questão e inicia uma nova discussão, com algumas explicações acerca da tradução feita no livro Noroeste Amazônico de Thomas Whiffen, tendo em vista algumas peculiaridades referentes às questões ambientais, flora, fauna e até mesmo de alguns artefatos indígenas, etc., dentre elas citou:

- 1) Peach-palm □ Palmeira-do-pêssego (em algumas traduções); mas na cultura amazônica é pupunheira.
- 2) moa é Moá
- 3) Plantation<sup>9</sup> □ Traduziu como roçado ou roça
- 4) Chicote de couro de Paca □ Feito de couro de anta com uma fivela na ponta
- 5) Móvel de cozinha □ Utensílio de cozinha, pois os índios não tinham móveis na maloca, mas utensílios de cozinhas, e poucos.
- 6) Ligatures □ Braçadeiras ou orelhas
- 7) Mesorregião Amazônica □ de Tabatinga para lá para cima?
- 8) Alto Solimões □ (Manaus-Tabatinga) e assim vai.

Santos – Professor, no processo de traduzir temos que traduzir o pensamento, não puramente apenas o aspecto linguístico, né?

Professor - Sim, Santos, a tradução cultural é o processo de traduzir os “modos” do pensamento, não é puramente traduzir os aspectos linguísticos, semânticos, etc., existe uma postura crítica a respeito da tradução a ser feita; um exemplo a ser trazido, foi a questão dos pássaros e aves. No estudo semântico das palavras, existem diferenças entre pássaro e ave. Todo pássaro é uma ave, mas nem toda ave é um pássaro. Então deve ser julgado como a cultura daquela região, não apenas uma tradução literal da palavra, porque o tradutor se coloca em determinadas posições-autorias, culturais, discursivas e ideológicas, mesmo que inconsciente disso tudo.

<sup>9</sup> Plantation foi um sistema de exploração colonial utilizado entre os séculos XV e XIX principalmente nas colônias europeias da América, tanto a portuguesa quanto em alguns locais das colônias espanholas e também nas colônias inglesas britânicas. Ele consiste em quatro características principais: grandes latifúndios, monocultura, trabalho escravo e exportação para a metrópole. Através dos grandes latifúndios, com suas extensas terras, era possível produzir em grande escala um único produto, o que se denomina de monocultura. No Brasil, utilizou-se inicialmente a cana-de-açúcar, mas depois veio o algodão, o fumo e o café. Geralmente eram produtos tropicais que eram plantados nesses latifúndios.

Souza – Uma das peculiaridades sobre a língua latina, que no século XIX, a língua Portuguesa nessa virada linguística e no avanço da consolidação da ciência, muitas palavras entraram na língua portuguesa e foram colocadas pela academia, pois nunca fizeram parte do dia a dia, efetivamente das pessoas, os termos acadêmicos, vieram através da ciência, instituto de pesquisas, etc.

Professor – A tradução não é apenas utilizarmos os aspectos linguísticos, temos que ir para os aspectos sociais, a história social da linguagem. Determinados termos não temos em nossa língua, para isso precisamos sempre fazer uma imersão no texto-fonte e verificar qual o melhor sentido da palavra ou o sentido que mais se aproxima do termo pensado pelo autor, isso é um processo tradutório. Não se pode tirar a riqueza linguística das representações, mas o que o tradutor deve atender é para a cultura de chegada. Como essa materialidade (texto) do inglês vai chegar na comunidade que fora etnografada? Será que os índios etnografados se reconhecem nessa etnografia?

Souza – indaga a todos, se alguém lembra de um professor do Pará que a editora retirou os termos regionais e substituiu em seu livro e ele depois publicou novamente com os termos originais, pois a editora retirou termos como Pixé, Pitiú,<sup>10</sup>, etc., pois entendeu que esses termos os leitores não entenderiam.

Professor (Balança a cabeça em sinal de negativa) – O que foi feito nessa retirada dos termos é tirar toda a riqueza da obra, riqueza linguística, de representação do mundo amazônico, social e histórico também. Todo viajante toca na teoria do sublime natural, no sublime romântico, etc., o Pôr do Sol, o Luar, quando se fala em odor e cheiro. Continuando a discussão, diz que cada cultura tem seu modo de pensar, cada povo tem seu modo de pensar diferente e não tem que ser igual, mas o ocidente colocou todas as culturas como sendo iguais e houve esse problema de interpretação, tradução mesmo. Em seguida pede para Zaboetzi socializar com todos a leitura do início do parágrafo do texto do professor Miguel Nenevé, no Livro: Fronteiras para a Tradução, em sua página 208.

Zaboetzi (Pega o livro, e sorrir) – Significado de traduzir<sup>11</sup>. Tradução é utilizado em espaços intersticiais, em espaços negociais. Discutir então a tradução é de certa forma ajudar a transformar fronteiras em pontes, que possibilitam a negociação em diálogo.

Professor (Sorrindo) – Todas essas questões das culturas são próprias dos jogos de linguagem que adquirem sentidos no uso social, nos diferentes modos de vida, referindo a Wittgenstein<sup>12</sup>. Cada tipo de cotidiano elabora-se o seu tipo específico de linguagem, às vezes precisamos nos distanciar do meio acadêmico. As palavras têm poder e nós, enquanto estudantes de mestrado, doutorado, doutores e pós-doutores, nos agarramos a essa questão do empoderamento da fala, o que é um equívoco. Falar nas desigualdades das línguas. A língua não pode ser considerada somente um signo, mas um elemento para a comunicação, não é só o texto em si, como materialidade, palavras que vão formar enunciados. No caso da Tradução, quando se tem uma expressão que foge das situações reais, aí sim teremos que aproximar as condições reais da cultura local e nas mais próximas da realidade daquela cultura etnografada.

Santos (Corta) - Que os termos desses sentidos são os mais aceitáveis, numa busca excessiva, aí acabam caindo nessas traduções equivocadas ou fora do contexto.

---

<sup>10</sup> Pixé. (Substantivo e adjetivo). Do Tupi. significa mau cheiro, catinga; mau odor; referente a comida queimada ou algo que pega fumaça; inhaca. Cheiro fétido, odor, sovaqueira, o mesmo que pitiú.(www.dicionarioinformal.com.br, acessado em 20.01.2019)

<sup>11</sup> Etimologia (origem da palavra traduzir). Do latim traducere; pelo francês traduire. traduzir é sinônimo de: transcrever, trasladar, manifestar, exprimir, reproduzir, interpretar (www.dicio.online.com.br, acessado em 20.12.2019)

<sup>12</sup> Wittgenstein estabelece uma análise linguística mais pontual, ainda que a sustentação de seus jogos de linguagem esteja ancorada em uma perspectiva sociológica, ou em sua expressão, em uma forma de vida. (CONDÉ, 2004, p.83). Para Wittgenstein, a lógica é produto da gramática, da forma de vida (cultura) que a engendrou a partir dos jogos de linguagem. (CONDÉ, 2004, p. 89)



Professor – Na tradução, ou melhor, no processo tradutório, estou transportando, como afirmam os tradicionalistas, não estou transcribindo, estou escrevendo certo “efeito de sentido”, se vejo isso como discurso; colocando a “minha” subjetividade, o “meu” olhar de mundo.

Nessa parte, o professor cita um exemplo de tradução equivocada, cita o termo “costa” para designar a “beira do rio”. Indaga a todos se na região amazônica temos costas? O termo ideal seria “barranco”, “beira de rio”, “beiradão”, pois na Amazônia, não temos costa.

Oliveira - Que o tradutor cultural precisa conhecer, conhecer seus preconceitos para que isso não contamine a tradução feita por ele mesmo. Uma questão de identidade.

Alves - Já sabemos que os índios são selvagens, já disseram isso, já li isso e é a concepção que tenho a respeito dos índios é essa a imagem que tenho a respeito do índio.

Professor frisou a importância da leitura para os alunos, pois é muito importante esse fundamento, dificilmente uma pessoa que não tenha uma boa leitura, não terá dificuldades em falar, em expor suas ideias. Sugeriu que lêssemos a Bíblia, pois é um livro muito bem escrito, sem erros de grafia, concordância, etc.

Souza – Professor, já aconteceu que querer chegar ou está num lugar e não poder seguir ou ter acesso ao local, por problemas diversos (acesso, proibição, etc.)?

Professor (Com um sorrindo de canto de boca) – Sim, Souza, por exemplo, La Chorrera, no centro do seringal de Júlio César Arana, na Colômbia, que hoje é um centro de estudo, por ser brasileiro, somente podemos ter acesso com uma carta autorização; isso é muito comum em alguns lugares na Amazônia. Em seguida distribuiu aos presentes filetes sobre os temas do texto: A civilização indígena do uaupés, autor Padre Alcionilio Bruzzi Alves da Silva, Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena das Universidades Católicas de São Paulo e Campinas, São Paulo, 1962, para que fosse feita uma discussão no grupo, conforme os tópicos que seguem:

#### MOROSIDADE INTELECTUAL E FÍSICA

Oliveira - (Corta e sorri) – Professor, o início do texto me chamou a atenção a nota de rodapé, que faço a transcrição: “Podemos assegurar que, antes de passá-las para estas páginas, nossas observações foram lidas a pessoas muito criteriosas e que há dezenas de anos convivem familiarmente com estes índios e todas estas pessoas nos asseguraram que eram exatas as nossas observações, e correspondiam também a quanto viam nos índios das diversas tribos desta região” SILVA (1962, p. 137)

Professor – O texto busca fazer uma caracterização da mentalidade e educação indígena e precisamos tomar cuidados nas palavras, tipo, falar sobre uma etnografia “dos” Bora<sup>13</sup>, não é correto e sim etnografia “sobre” os Boras.

Alves - Índios têm dificuldades para as generalizações e abstrações, cita os exemplos da página 139 do texto, onde ao invés de dizer cabeça, prefere dizer “minha cabeça”, “tua cabeça”, entre outras palavras. Quanto a memória, tem um pouco mais, desperta para os assuntos que lhe interessa. Mas é só os índios que fazem isso? (silêncio monumental na sala). Mas, como se interessar por um assunto que não nos interessa?

Professor – Como vocês vão escrever, ensaios, artigos, teses, dissertações, sobre os mais variados temas e assuntos, sugiro que pegue o capítulo 19, quando Tomas Wriffen fala de Linguagem<sup>14</sup>, na parte em que ele fala que só sobrevive os índios que são os mais fortes, ou seja, os “aptos”, os “inaptos”, estão fadados a morte.

<sup>13</sup> Os boras são um grupo indígena dispersos por regiões da Amazônia no Peru, Colômbia e Brasil entre os rios Napo e o Içá ou rio Putumayo, cujas línguas pertencem à família lingüística bora.

<sup>14</sup> EM LINGUAGEM, como em tudo mais, o indígena da floresta está confinado aos limites estreitos de seu entorno imediato. Ao contrário do indígena nômade das planícies, ele passa toda a sua existência em uma área um pouco maior que uma paróquia inglesa. Ele quase não tem relações comerciais com seus vizinhos. O único sangue fresco que

## INTELIGÊNCIA PRÁTICA

Oliveira - Nesse item o autor faz um elogio às capacidades dos índios, no tocante aos saberes sobre a navegação nos rios, nas diversas épocas do ano.

Professor – Oliveira, te questiono se esse item não se contradiz com o item anterior? que fala de sua Morosidade Intelectual e Física?

Oliveira – Professor, eu acho que literalmente essa divisão de corpo e mente faz sentido para ele, o índio pode não ter uma cultura desenvolvida, que é a parte da mente, mas o corpo consegue ser bom, se sente selvagem, por sua destreza e instintos, mas em sua intelectualidade não. Posso dizer que o índio é bom na atividade manual, mas é raso na atividade intelectual.

Professor (Meio desconfiado, corta) – Então você fala que essa destreza se aproximaria dos animais (da onça e de outros os animais?), com relação aos instintos dos índios? Mas na abstração da matemática, na linguagem tem grande dificuldade? É isso que diz o padre sobre o caráter do índio.

Oliveira – Isso professor, seria nesse sentido.

Carvalho – Mas Oliveira, o item 1, meio que contradiz isso, pois ele diz que o índio é moroso fisicamente também, você viu isso?

Oliveira – Mas aí, quando ele é moroso é porque ele executa o trabalho com despreocupação e desinteresse, mas ele tem capacidade para fazer. Ou seja, em nossas palavras, ele seria preguiçoso, pois tem capacidade para fazer, mas faz quando tem interesse apenas.

Alves – ressalta essa qualidade dos índios, pois o texto traz que tem notáveis habilidades para as atividades práticas do dia a dia, bem como para a navegação, a caça, calma nos perigos que apresentam os temporais e nas cachoeiras.

Professor - Exatamente, nas suas atividades práticas. Bem, assim finalizamos esse item e passamos para o próximo, quem tirou mesmo esse tópico?

## FANTASIA OU IMAGINAÇÃO

Souza – Imaginação inflamada, imaginação desconexa. Esse trecho a imaginação seria uma fase primária da infância ou da inteligência.

Professor (Corta) – Quando Whiffen (2019), diz que ao levarem um índio para Manaus e ele vê uma pessoa andando de bicicleta, entende ser um homem preso a uma teia de aranha. Observe que o índio tem um outro modo de ver esse fato, pois usa sua imaginação e o seu modo de ver está além da imaginação industrializada e de suas utilidades.

Lima (Pede a palavra) - Me chamou muito atenção esse item no primeiro parágrafo, diz: “Por isso tem sempre a imaginação inflamada. Só assim se explica como possam ver em algumas pedras estranhas semelhanças com plantas, instrumentos, etc.”. Essa passagem me tocou tão forte, porque mostra a ignorância desse dito “branco”, dito “eurocentrado”, porque para nós em nossa cultura a pedra não simboliza nada ou se simboliza simplesmente, a frieza, a não humanidade, a esterilidade, etc. No Livro “Los mitos e sus tiempos”, os autores estudam a cosmologia e dedicam um capítulo todo a importância e o espaço mítico da pedra nas culturas ameríndias/andinas como um todo. E tanto na Bolívia, como no Peru, existe um mito fundacional relacionado a pedra, muito popular chamado de “INKA REY - Rei Sol”, como um lugar de viver e renascer, é importante associarmos nessa perspectiva de uma tradução cultural que o professor traz pra gente, a parte da tradução que não é só literal, pois existe uma materialidade linguística, do texto frio, como diminuir e desconsiderar esses conhecimentos, leva uma tradução completamente absurda, pois não tem nada a ver com a

---

penetra na sua tribo é trazido pelas crianças imaturas feitas prisioneiras na guerra. Como a paisagem, a sua imaginação não possui perspectiva, nem horizonte. Na mata amazônica, um indígena pode viver e morrer sem ter contemplado um objeto terrestre a um quilometro e meio de distância. Seu modo de vida, uma comunidade dentro de uma única casa, debaixo do mesmo teto, faz das palavras de casa um dialeto, e com o passar de uma geração, esse dialeto se torna idioma. (WHIFFEN, 2019, p. 353)

complexidade que é capaz de compreensão. E por essa ignorância essas pessoas já traduzem reduzindo, pois não conhecem a cultura e não querem conhecer.

Carvalho - No primeiro parágrafo, diz que essa imaginação inflamada, se deve ao fato de passar “longas horas do dia ociosas e soturnas da noite”, falando de lendas, aparições e malefícios.

Professor – Pelo adiantado da hora, irei falar os outros tópicos, conforme segue:

4. Espírito de Imitação. Seu espírito inventivo pare atrofiado, o índio não inventa, faz do jeito que aprendeu, sem aperfeiçoar.

5. Espírito de Observação e Crítica. É por natureza um observador de espírito lógico e perspicaz. Deduz suas próprias conclusões, através do viu e ouviu e logo as manifesta aos irmãos da tribo. Gostam de apelidar os outros com nomes ridículos.

6. Curiosidade. Dotado de grande curiosidade, quando chega alguém desconhecido, quer saber, quem é, para onde vai, o que quer, o que veio fazer, outras mil perguntas.

7. Desconfiança. Não gosta de ser observado, se perceber que está sendo observado, retira-se. Passa horas de viagem em silêncio numa canoa. É sempre desconfiado na presença do branco ou de alguém desconhecido.

8. Volubilidade e Inconstância. Parece perfeita e passivamente conformado, e goza de grande autonomia. Não se pode contar com ele para um trabalho sempre idêntico, não se conformam em fazer o mesmo trabalho todo dia.

9. Indolência. Gostam de ficar deitados em suas redes a dormir ou entretidos horas a fio em amena conversa, é correto afirmar que o índio não é nem o herói da fadiga, nem o protótipo da indolência, embora por temperamento seja lento nos movimentos, como é de espírito.

10. Paciência. É uma de suas virtudes, extrema paciência. Executa atividades por horas, dias e meses e não reclama, dificilmente é impaciente com outro índio ou protesta contra outro índio, exceto, quando embriagado.

11. Timidez. Diante do civilizado, é em geral dócil. Nunca se revolta abertamente, e raro não faz o que lhe pedem para fazer. É sempre tímido diante do civilizado. Diante dos trabalhos perigosos, mostra-se ousadamente valente.

12. Desmazelo. Deve-se ao fato que tem com relativa facilidade com que alcançam ou fabricam o que precisam, por isso tornam-se descuidados das coisas e aparelhos, especialmente as coisas dos outros.

13. Interesse e Ganância. Extraordinariamente interesseiro, não faz nada para o branco sem a devida paga. Para tê-los a seu serviço, geralmente querem receber antecipado, e quando um parente morre, tudo de valor querem para eles, mas ninguém responde pelas dívidas do falecido.

14. Inveja. É um dos vícios que desfiguram seu caráter e não se dão o cuidado de disfarçá-lo. Quem começa a se destacar e ter coisas materiais consideradas boas, corre o risco de ser envenenado por causa dos bens.

15. Furto. Sofrendo tão fortemente a picada da inveja, tem tendência para o furto. E talvez haja outro estímulo para o furto, o julgar-se mais esperto e astucioso que o branco. Se não for pego surpreendidos, negam o furto.

16. Mentira. Falta de Palavra. Não sei, não vi, em geral são essas as respostas para acobertar a falta de palavra ou a mentira propriamente dita do índio. O amor à veracidade não é uma virtude dentre os índios. Dotados de grande capacidade de simulação, não se pode ter confiança em sua palavra ou data combinada.

17. Vida Sentimental (Amor, amizade e gratidão). Não tem uma vida sentimental muito intensa. Embora ria com facilidade, recebe com certa indiferença as grandes alegrias e desgraças. Falta ao índio alguns sentimentos mais delicados, com o da compaixão. O encontro de pais e filhos, após meses de separação é sempre revestido de frieza.

18. Vingança. Forte, ao invés, é seu instinto de vingança. O índio recebe as maiores contrariedades sem o menor sinal externo ou expressão no rosto. Porém, não esquece as afrontas e injustiças, reais ou supostas e nem as perdoa. Pacientemente as guarda durante anos, afim de um dia executar a paga da vingança.

19. Vaidade. Um dos traços bastante forte na psique dos índios. Utilizam enfeites, fitas e ligas para terem as pernas grossas as meninas e tem em seus cabelos lisos e longos um objeto de vaidade.

20. Soberba. Equivalente a vaidade é a soberba. Jamais reconhecem o próprio erro. A mínima palavra que lhes soa como repreensão, fecham-se no mutismo. Citam-se casos que a uma simples repreensão do civilizado, retiraram-se e passam anos sem reaparecer.

21. Gula. São excessivamente gulosos. Estão sempre dispostos a comer. Comem sem medida quando têm, e passarão depois o dia todo com chibé (água com farinha de mandioca amídosa).

22. Ingenuidade e Alegria. Possui um conjunto de virtudes naturais e invejáveis qualidades. São simples e ingênuos. Em geral são indivíduos alegres. Ri com a máxima facilidade e por qualquer motivo explode em grandes e prolongadas gargalhadas. O riso não é humorístico ou alguma resposta a um fato acontecido ridículo ou engraçado. É comum de madrugada ouvir as gargalhas e por todo o dia. É uma raça alegre.

23. Estoicismo. Homem do presente, o futuro não o preocupa. Não faz depósitos para amanhã. Confia que o amanhã a natureza lhe será favorável, mais que foi hoje. Na privação, saberá sofrer, com serena tranquilidade, a fome. Nas enfermidades, deita-se na rede e esperar que a natureza reaja sob a sugestão dos ritos do pajé.

24. Formalismo. É singularmente formalista. A sujeição aos costumes e tradições é de tal modo absorvente que quase lhes faz desaparecer os traços individualizante. Até na maneira de rir e gesticular, as diferentes tribos se assemelham.

25. Habilidade e Gosto Artístico. Tem rara habilidade na execução dos seus trabalhos tradicionais, possui um gosto artístico. A sua maloca é um belo trabalho de engenharia e arte. Harmoniosa e imponente nas suas proporções, com um perfeito travamento das vigas. Os adornos de dança e as ligas tecidas de tucum, as pinturas nos banquinhos, nos cestos, nos banheiros são perfeitas e agradáveis. As novas gerações aprendem a confeccionar suas roupas e seus cobre-sexo.

Aqui encerra-se o jogo de cena ficcional, acreditando que todas as discussões e reflexões que foram apresentadas, são importantes e ricas para a construção das subjetividades dos participantes e dos futuros leitores, pois aprendemos com o “outro”, e precisamos do “outro” para a confirmação do nosso “eu”, não vivemos nesse mundo sozinhos, vivemos em sociedades, em comunidades, etc. e os vários modos de ver e a pluralidade, diversidade de entendimentos para atingir “a mesma coisa” que vemos, com um outro olhar, onde é justamente no oposto, na contradição, no ponto de vista diverso, diferente, que acontece o aprendizado e assim acontece a formação de nossas subjetividades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento que a tradução cultural não pode ser considerada uma criação de um discurso próprio do tradutor é ponto pacífico, pois ela não nascendo no indivíduo e nem sob sua vontade, mas sempre está conectada aos discursos anteriores (texto original) e aos posteriores (futuras traduções). É importante considerarmos as condições existenciais ou circunstâncias constantes nas traduções culturais.

Mesmo com todos os cuidados linguísticos do tradutor sobre o texto a ser traduzido, não se pode perder de vista as relações de sentidos que surgem no ato da interpretação, já que a tradução

é um processo de transformação cultural e deve ser levada em consideração a pluralidade das vozes constantes no texto original e as percepções pessoais, sociais, políticas e culturais do tradutor.

Não basta apenas pegar o texto original e usar alguns poucos dicionários para a tradução literal da palavra pela palavra, mas ser levado em consideração os sentimentos e as concepções do tradutor, sobre a língua do texto original, onde ocorrerá a materialização do discurso na tradução.

Para Mittman (2003, p. 13), afirma que é comum ocorrer no processo de tradução, “diferenças e semelhanças, distancias e proximidades, equívocos, deslizamentos, falta e excesso, tanto entre as línguas, como dentro de cada língua”.

Na tradução ocorre a produção de sentidos por parte do tradutor, numa transformação dos sentidos das palavras e conseqüentemente do texto como um todo, pois está diretamente associada à sua interpretação do texto a ser traduzido e de percepção socio-histórico-cultural do tema a ser traduzido.

Assim, a propositura das aulas expositivas, dando aos alunos quase que o “dever de intervir”, de forma amigável e sem amarras hierárquicas, fizeram com que as reflexões e discussões referente à Tradução Cultural fossem ricas e proveitosas.

Ficou claro na ministração da referida disciplina que a Tradução Cultural não é apenas a simples e literal tradução de uma língua para outra, mas sim, um trabalho delicado e minucioso do tradutor para saber conhecer e vivenciar localmente, os diversos termos e suas formas de vida e semelhanças, similaridades para poder fazer uma boa tradução e assim não cometer erros grosseiros.

Os efeitos de sentidos que ocorrem na Tradução Cultural devem ser considerados nas traduções constantes nos efeitos de sentidos do intradiscurso contidos no texto original, pois o tradutor tem esse caráter transformador do processo de produção desse novo discurso que é a tradução, pois o texto da tradução não pode ser considerado como algo isolado, que acaba em si mesmo, mas também as condições as quais foi produzido durante o processo de tradução.

A existência de vários significados de uma mesma palavra dentro das diversas línguas maternas existentes em nossa País e devem ser conhecidas e exploradas, pois de região para região, esses termos têm diferenciações e sofrem mudanças, apesar de permanecer com a mesma forma de escrita alfabética.

Os estudos dos conceitos sobre a Tradução Cultural permitirão várias possibilidades de adquirirmos outros saberes no percurso acadêmico, pois traduzir é interpretar, colocar seus entendimentos, como jogos de linguagem que adquirem sentido nos diversos usos sociais e nos diferentes modos ou formas de vidas.

Os vários conceitos abordados e a diversidade de formas como podem ser abordados foram vitais para o enriquecimento teórico da cena, pois os diversos modos de ver e (res)significar os inúmeros conceitos sobre à Tradução Cultural, devem, quem sabe um dia, serem replicados nas vivências sociais e nas práticas culturais em um futuro latente.

Recebido em: 28/06/2022

Revisões requeridas em: 26/04/2023

Aceito em: 22/05/2023

## REFERÊNCIAS

- CONDÉ, Mauro L. **As teias da razão**: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna. Belo Horizonte: Argumentum, 2004.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- FREIRE, J.R. Bessa. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. In: **Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano** (CENESCH). Nº 01 – setembro 2000. P.17-33. Manaus-Amazonas
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.
- MITTMAN, Solange. **Notas de Tradutor e processo tradutório**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003

- NENEVÉ, Miguel & MARTINS, Graça (Org). **Fronteira da tradução: cultura, identidade e linguagem**. São Paulo: Terceira Margem, 2009
- SILVA, Alcionilio Bruzzi Alves da. **A civilização indígena do uaupés**. Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena das Universidades Católicas de São Paulo e Campinas. São Paulo, 1962
- WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un posicionamento “otro” desde la diferencia colonial. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Instituto Pensar, 2007.
- WHIFFEN, Thomas. **O noroeste amazônico: notas de alguns meses que passei entre tribos canibais**. Tradução Hélio Rocha. Rio Branco: Editora NEPAN, 2019
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.